DOI 10.20504/opus2018b2407

De Coquimbo a Coqueirinho: a trajetória de um violinista chileno na Paraíba – entrevista com Yerko Tabilo

Sandra Cabral de Aquino
com participação de Maura Penna
(Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB)

Reconhecido como um dos principais professores de violino no Nordeste do Brasil, o chileno Yerko Pinto Tabilo é uma figura que desperta curiosidade por parte de toda uma geração de instrumentistas que, por ventura, tenha tido algum contato com ele. Primeiramente, por ter contribuído na formação de uma escola de violino na Paraíba, cujos frutos se espalham por todo o Brasil, mas também por sua figura extremamente descontraída e, ao mesmo tempo, enigmática e contagiante. Destaca-se por seu comprometimento com cada um de seus alunos – sejam estes violinistas iniciantes de um projeto social no sertão da Paraíba, onde hoje atua de maneira quase que missionária, ou em sua sala de aula no Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde lecionou por 33 anos ininterruptos. Neste departamento, atuou também como violinista fundador do Quinteto da Paraíba ou integrante de grupos ao lado de alunos. São características que esta entrevista tenta desvendar, enfocando, especialmente, os sentidos da performance e da docência na trajetória aventureira deste ser humano capaz de ser sensível e severo, emotivo e inabalável ao mesmo tempo.

A trajetória de um professor de instrumento e seus desafios

Nascido na cidade de La Serena, situada na região de Coquimbo, no Chile, iniciou seus estudos de violino ainda criança, com o professor Oswaldo Urrutia, através do método Suzuki. Yerko, aos 20 anos, mudou-se para a capital, Santiago, a fim de estudar na Universidade Católica do Chile. Integrou a Orquestra de Câmara acadêmica daquela Universidade, a Orquestra Sinfônica do Ministério da Educação e Cultura do Chile e a Orquestra Filarmônica do Teatro Municipal de Santiago do Chile, permanecendo na capital por três anos (1976-1978). Selecionado em audição pelo violinista Rafael Garcia, decidiu aventurar-se e atravessou o continente – dos Andes até o extremo oriental das Américas, em João Pessoa – para trabalhar no recém fundado Departamento de Música da UFPB, então dirigido pela musicista Ana Lúcia Altino. Encantado pelas praias do litoral paraibano, especialmente a praia de Coqueirinho, como também por seu povo acolhedor, nunca mais quis voltar a residir em seu país de origem. Recebeu, inclusive, o título de cidadão pessoense, concedido pela Câmara Municipal da cidade, em 2005.

AQUINO, Sandra Cabral de; PENNA, Maura. De Coquimbo a Coqueirinho: a trajetória de um violinista chileno na Paraíba – entrevista com Yerko Tabilo. *Opus*, v. 24, n. 2, p. 159-168, maio/ago. 2018. http://dx.doi.org/10.20504/opus2018b2407

Submetido em 01/05/2018, aprovado em 12/07/2018.

Veio a convite do Reitor Lynaldo Cavalcanti, como também do então Secretário de Educação do Estado da Paraíba, Dr. Tarcísio Burity, que logo em seguida se tornou Governador do Estado. Duas figuras visionárias, que exerceram importante papel no desenvolvimento musical desse Estado, arregimentando músicos de diversas partes do país, como também de outras nacionalidades, a fim de, primordialmente, reestabelecer a Orquestra Sinfônica da Paraíba. A UFPB seria parceira desse projeto, formando futuros integrantes dessa orquestra. Foi desta maneira inusitada que o jovem Yerko Tabilo iniciou sua atuação docente, lecionando as disciplinas de Violino e Música de Câmara, além de integrar a Orquestra de Câmara da UFPB e, principalmente, os quadros da Orquestra do Estado, a partir de março de 1979. Embora não tivesse uma formação pedagógica formal anterior, foi um dos fundadores do curso de Bacharelado em Música da UFPB, iniciando uma atividade que se transformaria na maior descoberta de sua vida.

Uma década depois, idealizou e fundou o Quarteto Ravel, um conjunto movido basicamente pelo prazer de tocar. Porém, com o passar dos anos, este grupo transformou-se em um quinteto de cordas, adicionando a esta formação, um contrabaixista, Adail Fernandes, que viria a ser o arranjador do grupo. Em 1996 o nome do conjunto passou a se chamar Quinteto da Paraíba, por sugestão do produtor da gravadora inglesa, Ninbus Records. O quinteto tornou-se um dos grupos de câmara mais sólidos e atuantes do país, do qual, ao longo de 27 anos, Yerko Tabilo foi primeiro violino[1].



Fig. 1: Primeira formação do Quinteto da Paraíba, com Yerko Tabilo e Nelson Rios (violinos), Adail Fernandes (contrabaixo), Nelson Campos (violoncelo), Samuel Espinoza (viola)[2].

Com o quinteto, gravou seis CDs, dentre eles o intitulado *Música Armorial*, que foi distribuído nos Estados Unidos e Europa. O grupo fez extensas turnês, representando a UFPB em Paris, Viena, Madri, Bruxelas, Amsterdã, Santiago do Chile, além de diversas cidades do Brasil, divulgando a música de compositores nacionais e, em particular, compositores nordestinos, com

[1] Vídeo do Quinteto executando *No Reino da Pedra Verde* (Clóvis Pereira). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AzUW6lo3ep4>

[2] Disponível em: <https://i2.wp.com/quintetodaparaiba.com.br/wpcontent/uploads/2017/03/quinteto3.jpg?fit=1024%2C56>

um repertório que abrangia do erudito ao popular e se destacava, notadamente, pela qualidade dos seus arranjos.

Embora tenha relatado que, antes de vir para o Brasil, nunca tinha pensado em ser professor, foi através da docência que encontrou seu maior sentido de vida e sua realização. Nos termos de Tardif (2014: 48-49), Yerko construiu sua prática docente a partir de "saberes experienciais", como tantos outros professores de instrumento, principalmente na época em que as pós-graduações em nossa área ainda não tinham se consolidado no país. Para Tardif, os saberes experienciais consistem no "conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática da profissão docente e que não provêm das instituições de formação nem dos currículos". No caso em questão, a experiência profissional do professor de instrumento pode ser constituída tanto através de sua prática de performance, como também da experiência adquirida no dia a dia de atuação em sala de aula, que corroboram no aprofundamento do ensino do instrumento (AQUINO, 2017: 40).

Aposentado em 2012, Yerko obteve reconhecimento nacional como violinista e professor, tendo sido o responsável pela formação de jovens violinistas que hoje ocupam assento nas principais orquestras do Brasil, como também membros do corpo docente de diversas instituições de ensino do país – como a UFPB, UFRN, UFAL, UFRJ, dentre outras. E continua, ainda, a contribuir com a formação de instrumentistas, atuando periodicamente em outros estados brasileiros, seja como instrumentista de orquestras, camerista ou docente em festivais de música e em projetos sociais, tanto no interior da Paraíba, na cidade de Catolé do Rocha, quanto no Rio Grande do Norte, na cidade de Luís Gomes.



Fig. 2: Orquestra do Instituto Cultural Casa do Béradêro, de Catolé do Rocha, com Yerko como regente (2016). Foto: arquivo pessoal do professor.

Nos termos da Logoterapia – ou teoria do sentido da vida – desenvolvida pelo psiquiatra vienense Viktor Frankl (1905-1997), o princípio do servir ao outro, que o autor classifica como autotranscendência, pode ser uma forma de autorrealização. Frankl (2014: 135) denominou de autotranscendência da existência humana o fato de que o homem direciona sua atenção "para algo ou alguém diferente de si mesmo – seja um sentido a realizar ou alguém diferente a encontrar". Assim, quanto mais a pessoa se doar, esquecendo-se de si mesma, mais humana ela se tornará e, consequentemente, maior será sua percepção de realização. Para professores de instrumento, a percepção de autorrealização na atividade musical pode ser encontrada a partir dos sentidos da performance, como também da docência[3].



Fig. 3: *Masterclass* de violino ministrada no Departamento de Música da UFPB, para alunos da classe da Profa. Sandra Aquino (2018). Foto: arquivo pessoal da autora.

[3] A este respeito, cf. Aquino (2017).

É sobre os sentidos da performance e da docência na trajetória deste professor universitário de instrumento que trata essa entrevista, excerto de um depoimento mais amplo sobre sua História de Vida Musical[4] concedido a Sandra Aquino[5], e editado com a participação de Maura Penna. Na ocasião dessa entrevista, Yerko Tabilo já tinha 37 anos como professor de instrumento e continuava dando aulas. Seu depoimento constitui um exemplo concreto do conceito de **logoeducador musical** (AQUINO, 2017: 154), que vem a ser aquele professor de música dedicado a uma causa, cuja preocupação está pautada na construção de valores, de forma a estabelecer uma educação para o sentido da vida.

A performance em foco

Sandra Aquino - Quando você tinha cerca de 20 anos, mudou-se para Santiago e começou a tocar na orquestra do Teatro Municipal. Naquele momento de sua vida, este era seu sonho?

Yerko Tabilo - Eu só comecei a me ver mesmo como músico quando me mudei para Santiago. Eu estava muito bem, mas não lembro se era o sonho da minha vida. Lembro apenas que era muito gostoso estar na Filarmônica do Teatro Municipal de Santiago, o salário era muito bom, estava ao lado dos famosos, tocando na mesma orquestra, era impressionante. Mas nunca tive pensamentos tipo "ah, eu quero ser o melhor, tocar mais", nunca tive pensamentos ambiciosos.

Sandra Aquino - Mas seu foco estava na performance?

Yerko Tabilo - Tocar era meu foco já na orquestra jovem de La Serena. Lá eu sentia muita felicidade, porque viajávamos demais, éramos oitenta músicos e éramos unidos. Depois, quando fomos crescendo, acabamos nos desunindo politicamente: tinha comunista, socialista, tinha de direita, de esquerda. Essas oposições eram fortes no Chile, e já com 18 anos éramos assim.

Entrar na orquestra profissional em Santiago foi bom, mas era muita responsabilidade: mudou repertório, Teatro Municipal!... Eu valorizava todo esse momento. Sentia orgulho, estudava muito e me sentia bem porque estava conseguindo vencer minhas dificuldades no violino... Estudava oito horas por dia, com muito prazer! me realizava. Estudava pela manhã das oito até meio dia, parava para almoçar. À tarde, o ensaio era das duas às cinco horas e às seis já estava estudando até dez da noite. Estudava no teatro mesmo. Era prazeroso! Foi aí que percebi a importância da música na minha vida. Oito horas com o violino no queixo é muito tempo, então dá para pensar e sentir a música. Foi nesta época que me dei conta do que estava fazendo, vi o que realmente o violino significava. Mas na época não imaginava ser professor; só queria aprender a técnica do violino para tocar bem na orquestra e tocar bem meus concertos.

Sandra Aquino - Eu gostaria de saber como foi que a docência entrou na sua vida.

Yerko Tabilo - Nunca tinha pensado em ser professor! Para mim, professor de instrumento era outra coisa, outra classe. Nem passava pela minha cabeça. A única coisa que queria era meu carrinho e tocar na orquestra. Era o que eu desejava; só pensava em ter isto. A

[4] Esse depoimento consistiu a aplicação piloto de uma entrevista narrativa, realizado em fevereiro de 2016, como parte de pesquisa de doutorado, sob orientação de Maura Penna, cujos resultados encontram-se em Aquino (2017). Essa versão final, editada, foi apresentada ao entrevistado e por ele aprovada.
[5] Sandra Aquino estudou com o Prof. Yerko Tabilo no curso de Bacharelado em Violino na UFPB.

docência só veio quando me convidaram para vir ao Brasil. Nunca havia dado aulas na minha vida e, inesperadamente, fomos convidados para lecionar em uma universidade – no curso superior – e fazer parte de uma orquestra de câmara. Eu nem imaginava o que era ensinar em uma universidade!... Vim pensando só em tocar na orquestra de câmara.

Sandra Aquino - Então, ser professor não fazia parte dos seus planos?

Yerko Tabilo - Não, queria ser músico de orquestra e ter um carro! Como eu era meio desligado, meninão, vim sem nenhuma ideia de como era dar aulas de instrumento. Na verdade, se eu soubesse, acho que nem teria vindo. Achava que ia dar um jeito de só tocar na orquestra de câmara.

A "descoberta" da docência

Sandra Aquino - E como foram suas primeiras aulas?

Yerko Tabilo - Eu não tinha alunos no início, nenhum. Chegava cedo no Departamento de Música e, um dia, vejo uma outra professora com uma fila de crianças atrás dela. Fiquei olhando... segui-a até entrar na sala e passei a escutar por trás da porta. De repente, começa: "lá-lá-mi-mi-fá-fá-mi" [tocando o Suzuki]. Eu disse: "Opa!!!" Então, ficava olhando o que ela fazia, para aprender. Aí, descobri! E todos os dias fazia a mesma coisa: aprendia a dirigir de madrugada pela cidade, tomava café da manhã no hotel – porque ganhava muito bem – e, sete horas da manhã, estava do lado de fora da porta da sala dessa professora, esperando para escutar suas aulas [risos]. Era tudo muito difícil naquela época: não tinham livros, xerox, eu não sabia o que dizer na aula, só apontava o dedo para cima ou para baixo quando estava desafinado [risos].

Sandra Aquino - Com seu amadurecimento, como se transformou sua metodologia de ensino?

Yerko Tabilo - Eu seguia uma sequência de obras, concertos e estudos, mas às vezes variava de acordo com cada aluno. Sempre procurava ver o que o aluno queria estudar, queria tocar. Respeitava as escolhas deles e tentava fazer o que eles queriam, dentro do possível, por isto que dava certo. Uma coisa que também exigia era o comprometimento do aluno com as aulas e com o estudo. Eu me dedicava demais, as aulas tinham hora para começar, mas não tinham hora para terminar... Então, queria que os alunos se dedicassem do mesmo jeito que eu, e eles faziam isto. Para mim, não tinha feriado nem fim de semana, estava sempre disponível para quem quisesse ter aulas, era só me dar uma comidinha, um almoço [risos]. Além disso, nunca fiquei escolhendo alunos: todos os que me procuravam, eu aceitava, até aqueles alunos mais difíceis, "aluno pedreira". Adorava trabalhar com este tipo de aluno, sentia que deveria trabalhar muito, fui contratado para ensinar, então tinha que fazer o melhor do meu trabalho, fui aprendendo com os alunos e gostava muito de escutar música.

Sandra Aquino - Em termos de realização, como você se sentia em sala de aula?

Yerko Tabilo - A única coisa que fazia era trabalhar, vivia em sala de aula, adorava trabalhar, minha vida era trabalhar. Minha formação foi meio precária, eu acho; quer dizer, não vamos chamar de precária, mas não foi boa! Como formação de violinista, um cara que aos 20 anos toca só Vivaldi, não pode ter uma mão, um arco bom para encarar concertos e obras difíceis, eu acho, não é? Às vezes, as pessoas me perguntavam porque eu não tocava concertos e tal, e sempre disse, não tenho base. Nunca tive vergonha de dizer isto, pelo contrário, tenho que

agradecer. Outro dia, estava pensando sobre minha vida: às vezes falo com Deus, e acho que Deus dá a cada um, o que merecemos. Eu acredito que se tocasse grandes concertos, Tchaikovsky..., por exemplo, não teria me dedicado tanto à docência.

Sandra Aquino - Explique melhor, por favor.

Yerko Tabilo - Eu teria me dedicado à minha carreira como instrumentista; não como solista, porque é muito difícil, mas não teria me dedicado à docência como me dediquei. Então, o que me fez dedicar tanto à docência? Eu tinha tempo, todo tempo que queria. Nunca me casei, porque, para mim, era mais importante a docência. Sabe quando comecei a ter gosto pelas aulas? Quando começou a ter as audições públicas dos meus alunos! Acho que foi aí que me dei conta, quando vi meus alunos tocando, percebi que estava ajudando-os de alguma forma. Comecei finalmente a sentir o que era ser professor!

Sandra Aquino - Em sua opinião, você considera que estas duas atividades, professor e instrumentista, se complementam ou são independentes?

Yerko Tabilo - Eu dava aulas e tocava na sinfônica. Acho que as duas atividades podem se complementar, mas não dependem. Complementa, no sentido de o aluno ir às apresentações para ver seu professor ou assistir aos concertos.

Sandra Aquino - Ter o professor como exemplo dentro de um grupo?

Yerko Tabilo - É, exemplo. Eu era **principal** dos segundos violinos, ficava preocupado se puxava o arco certinho, do jeito que falava em sala de aula, para que os alunos não falassem: "ele diz uma coisa e faz outra". Acho que talvez seja um complemento por aí. Mas, sem orquestra, continuaria dando aulas no mesmo nível.

Sandra Aquino - Você mencionou que nunca pensou em ser professor, mas que isto foi fundamental para sua vida. Gostaria que falasse mais sobre isso.

Yerko Tabilo - Verdadeiramente, eu ia dar aulas sem pensar muito. A única coisa que pensava é que era meu trabalho e tinha que dar muitas aulas para meus alunos. Enchê-los de aulas. Eu entendia a expectativa de cada aluno e a minha vontade, a minha razão era realizar o sonho do aluno em tocar as peças difíceis. Eu colocava o prazer do aluno em primeiro lugar. Porque já me sentia realizado, era professor, tinha meu carro, vivia bem sozinho como sempre quis e com minha filha. Mas queria sempre realizar os sonhos dos jovens e eles acabavam sendo meus amigos. Às vezes saía com eles para conversar, brincar... E essas amizades me aproximavam deles e acabava descobrindo o que eles queriam com a música.

Sandra Aquino - Sempre pensando em ajudar os alunos?

Yerko Tabilo - Eu sentia uma bondade e queria ajudar. Era como se fosse o meu ar para respirar e me fazia muito bem. Sempre fui muito sozinho e no fundo todas essas aulas, muitas vezes na minha casa, era para estar acompanhado, eu gostava de ter gente comigo. E acabava sendo bom para todo mundo, tinha gente comigo e os alunos tinham as aulas. Também procurava oportunidades de trabalho para os alunos, dando força para eles tocarem na orquestra com o maestro Eleazar de Carvalho. Pois achava importante os jovens terem essa experiência de tocar em uma grande orquestra, com o maravilhoso maestro. Achava que tinha que dar oportunidades para os jovens crescerem, sempre fui defensor do jovem, até hoje faço isto. Recentemente fundei outro quinteto – Quinteto Clovis Pereira – e estou rodeado de jovens.

Sandra Aquino - O sentido de sua vida era dar aulas?

Yerko Tabilo - Totalmente, era cem por cento; era ver os alunos felizes e tocando bem no palco. Isto me deixava mais que feliz! Ver os alunos tocando do jeito que eu pedia, sempre de bom humor, sem cara feia, sempre foi um relacionamento muito legal. Eu digo que os alunos foram os meus melhores professores. Sou o que sou hoje por causa dos alunos, que me fizeram crescer demais. Quase todos muito talentosos, sempre me colocavam para cima. Ofereci o que sabia e o que não sabia também.

Como sabe, toquei no Quinteto da Paraíba por 27 anos. Foi importante para a minha vida e foi aí que me senti mais músico, mais *performer*, mais violinista. E chegamos a um nível bom. Embora não fosse um grupo erudito – era mais popular – não tinha nada parecido aqui em João Pessoa e éramos bem unidos. Mas teve uma vez que briguei com os outros músicos do quinteto, porque não viajei para uma apresentação, e tiveram que colocar outra pessoa no meu lugar.

Sandra Aquino - Por que você não viajou?

Yerko Pinto - Porque tinha prova pública [recital] dos meus alunos, tinha que estar presente e ensaiar com eles. Era justamente na mesma semana da viagem, e os colegas ficaram loucos de raiva, não entendiam porque eu tinha que ficar. Eu deixava tudo pelos alunos.

Sandra Aquino - Você falou que começou a sentir-se como professor de verdade quando começou a ver seus alunos tocando nos recitais. Por favor, explique melhor.

Yerko Tabilo - Eu estudava as músicas dos alunos e pesquisava em casa. Não anotava nada, mas me lembrava de todas as aulas. Achava que na América Latina ninguém podia ganhar a vida como solista, mas tinha uma sequência de concertos que achava importante o aluno estudar. Às vezes eu não seguia, dependendo do aluno; uns eram melhores que outros. No fundo, eu era muito amigo dos alunos, eles acreditavam em mim e tinha certeza de que gostavam das aulas. Sentia-me muito bem quando eles tocavam e tudo que tinha combinado dava certo!... Um cara como eu, que não estudei tanto, ver os alunos tocando bem, era muito gratificante, sabe? Sentia que tinha que acreditar neles, deixar os alunos terem mais liberdade, não impor sempre o que eu queria, mas deixar o processo fluir.

Sandra Aquino - Você se sentia um pouco como pai dos alunos?

Yerko Tabilo - Muito! Tenho muito esse negócio de ajudar os jovens. No violino, tive uma aluna que insisti para que fizesse um concurso, e passava horas dando aulas para ela, preparando-a para este evento. Eu fiquei muito estressado, depois de horas em sala de aula, disse-lhe: "ou vai ou racha! Ou estuda para valer ou paramos de vez!" Depois de uns anos, quando ela já estava estudando com outro professor no Rio de Janeiro, fez um depoimento agradecendo pelas aulas, pois aquele momento tinha sido um divisor de águas na vida dela como violinista. Eu a tinha levado a ultrapassar seus limites e isto tinha sido muito importante. A partir deste momento, esta aluna começou a tocar muito bem.

Um balanço final: a música e o sentido de vida

Yerko Tabilo - Quando me aposentei, outro aluno escreveu um bilhete para mim. Gostaria de ler para você, ok?

Sandra Aquino - Claro que sim!

Yerko Tabilo - Ele me mandou pelo computador: "Yerko, você é um professor muito 'massa', inspira qualquer um! Uma coisa é falar como se faz para tocar e outra coisa é mexer nas paixões que têm dentro da gente, da alma, de querer tocar. Você consegue fazer isto, mexe lá dentro do músico e isto é para poucos! Você não pode parar de dar aulas, nunca!"

Eu guardei isto, porque gostei muito. É bom saber que fazemos parte das lembranças deles e que nós fomos importantes na vida dos alunos. Sempre fui muito incentivador; nunca desisti de ninguém!

Sandra Aquino - Você sempre deixou a relação profissional com a música em primeiro plano na sua vida?

Yerko Tabilo - Totalmente! Era o sentido da minha vida e me dava prazer demais! Sou feliz hoje, por tudo que aconteceu; não me arrependo de nada. Mesmo que eu tenha sido um tanto esquecido depois que me aposentei, não tenho mágoa de ninguém. Acredito muito em Deus, e acho que tudo que fiz foi muito "massa". Hoje trabalho em projetos sociais nas cidades de Catolé do Rocha-PB e Luís Gomes-RN, o que me leva a viajar constantemente. Sinto enorme prazer em dar aulas em projetos sociais. Creio que tenho feito um bom trabalho lá no Rio Grande do Norte, na orquestrinha. O nível deles já melhorou bastante.

Não trabalho mais em João Pessoa. Sinto que já dei muito para esta cidade, e sempre gostei de ir para lugares que não tinham nada; estou indo para o interior agora, para lecionar em projetos sociais. Também acho que João Pessoa já tem uma nova geração, tenho que deixar espaço para os jovens. Minha meta agora é trazer os jovens do interior para ingressarem na universidade. Trazer esses meninos para se profissionalizarem.

Sandra Aquino - Você nunca pensou em parar?

Yerko Tabilo - Gosto de viajar [como as atividades atuais exigem], embora nem sempre minhas viagens tenham fins profissionais. Também toco, de vez em quando, na orquestra do Mato Grosso. O pessoal de lá me conhece como professor. Mas quando viajo para Cuiabá, para tocar como músico da orquestra, sou sempre muito bem recebido pelos músicos e jovens.

Sandra Aquino - Você se sente reconhecido?

Yerko Tabilo - É verdade. O maestro está sempre me apresentando aos solistas e professores. Eu acho legal. Outro dia estava na plateia do Teatro Municipal do Rio de Janeiro para assistir um concerto e veio mais da metade dos músicos da orquestra para me abraçar. É gostoso ver bons violinistas, de outras cidades, reconhecendo o meu trabalho.

Sandra Aquino - E como você se sentiu?

Yerko Tabilo - Depois que eles começaram a tocar, fiquei pensando [longa pausa; lágrimas]. Faz tempo que não choro. Neste dia lembrei de minha mãe. É muito bom chegar neste momento da vida e ver que as pessoas gostam de mim. Não estou "me achando", mas eu fiz uma escola de violino aqui no Brasil, deixei um legado e fiz muitas amizades. É gostoso ver as pessoas falarem de seu trabalho. Quando estava no Chile eu sofri muito; mas, aqui no Brasil, só tive alegrias.

Referências

AQUINO, Sandra Kalina Martins Cabral de. *Os sentidos da performance e da docência à luz da Logoteoria*: um estudo com professores de instrumento em duas universidades do Nordeste. Tese (Doutorado em Educação Musical). Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido*: um psicólogo no campo de concentração. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Sandra Cabral de Aquino, violinista, é Bacharel em Música pela UFPB, Mestre em Violino pela Eastman School of Music (Rochester/Nova York – EUA). Obteve o título de Doutora em Música pelo PPGM/UFPB, na área de Educação Musical, onde desenvolveu a pesquisa "Os sentidos da performance e da docência à luz da Logoteoria: um estudo com professores de instrumento de duas universidades do Nordeste", sob a orientação da Profa. Dra. Maura Penna. Realizou sua formação violinística com os professores Yerko Tabilo, Sally O'Reilly, Lynn Blakleslee e Camilla Wicks. Sandra Aquino é violinista fundadora do ArtesanTrio, com o qual tem se apresentado em Festivais, realizado gravações e recebeu a Medalha Frederic Chopin, concedida pelo Consulado Polonês. Atualmente é professora Adjunta no Departamento de Música da UFPB, aonde leciona violino e desenvolve trabalhos no Grupo de Pesquisa Música, Cultura e Educação. sandramusic@hotmail.com

Maura Penna é Graduada em Música (Bacharelado e Licenciatura) e Educação Artística pela Universidade de Brasília. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é Professora Associado I do Departamento de Educação Musical da Universidade Federal da Paraíba, atuando na licenciatura em música e no Programa de Pós-Graduação em Música (mestrado e doutorado) e coordenando o Grupo de Pesquisa *Música, Cultura e Educação*. Autora dos livros *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música* (Sulina, 2017 – 2ª edição ampliada) e *Música(s) e seu ensino* (Sulina, 2015 – 2ª edição revista, 3ª reimpressão), além de diversos artigos sobre educação musical, ensino das artes, música e cultura, publicados em periódicos científicos, coletâneas e anais de congressos. maurapenna@gmail.com